

Vou fazer 50 anos e nunca fui preso ou detido pelas autoridades. Chegou a minha vez. Infelizmente está a ser uma experiência dolorosa que não recomendo a nenhum ser humano.

A vontade que eu tinha já não a quero. Já nem sei dizer o que era. As vontades não só têm um tempo como nascem um tempo.

As palavras são poderosas. Consegue-se misturar com elas. A ideia geral (estúpida) é que só escreve quem tem medo e perde muito com isso. Por isso resolvi contar de propósito o que me sucedeu enquanto prisioneiro do Estabelecimento Prisional de Lisboa. Não por vingança ou morido por qualquer outro sentimento mesquinho. Mas porque com o meu minúsculo contributo o mundo ficará menos incompleto, menos esburacado, com mais cor, mais preenchido, mesmo que a verdade seja e me possa onestear e chocar.

Foi transferido de Polícia Judiciária para o Estabelecimento Prisional de Lisboa. A Primavera descobrihara. O ar ameno encheu-se de aromas e melodia, perfumado pelo fragância fresca das rosas, embalsamado pelo estridular laborioso das cigarras no seu pastoso e pelo arrulhar dos pombos. Com a port entreaberta, acompanhado pela autoridade, vi a luz do dia espreitar num canto e tive vontade de desatar a correr, abraçar o Sol, encher os pulmões de ar e viver aquele dia em toda a sua plenitude.

Contivo-me. Não era apropriado. Era um momento oficial e solene, o de transferência. Não havia tempo. Entrei num veículo cujo interior tinha dois bancos para os detidos se acomodarem. Foi algemado. Abster-se de qualquer escândalo quando fecharam a port de acesso ao veículo.

Cheguei ao destino. Depois dos procedimentos habituais de nos despirmos e desmoldarmos para sempre revistados, uma humilhação para quem tem uma restic de pudor, sobretudo <sup>quando</sup> castrados de privacidade, lá me transferiam finalmente para o meu destino.

Um caixão. Entrei para um pequeno cubículo. A primeira impressão que

me assaltou foi a de que tinha sido apreendido meu caixa. Estava escuro pois a noite abrigava a cidade. Estive frio, apesar de estar em Mayo. Duas pequenas mantas, esburacadas e de <sup>anta</sup> espessura, foram os agasalhos que me foram reservados por direito.

A cela revelou-se imensamente pequena. Era tão estreita que não conseguia enfiar totalmente os braços. Uma cama de pedra estava suspensa na parede que a sustentava, tendo o meu futuro abrigo. Por cima dele descontinua-se um colchão de esponja, esburacado e incompleto. Não havia almofada. O resto da cela era ocupado por um armário esculpado na parede, sujo e opressor, um lavatório imundo e um bacia no chão que se tinha destinado às necessidades...

O ar estava saturado. No ar flutuava o aroma fétido resultante de uma mistura de odores a mofo e ácido de urina.

O chão parecia feito de cimento, com ar glacial e as paredes brancas, estreitas, opressoras, dando a impressão de que me iam esmagar de todos os lados. Um verdadeiro caixa.

Acostumei-me como pude tacteando aqui e acolá, pois a cela mesclava numa escuridão infinita sem qualquer fonte de iluminação.

Mais tarde trouxeram uma refeição que engoli distraidamente sem agrado. Uma coiza sem graça de tão sem saborosa!

Os primeiros raios de sol atravessaram a pequena janela localizada na parede por cima da cabeceira da cama. Amanheceu. Acordei atordoado perguntando-me o que me sucedera. No ar flutuava um aroma pungente e mofoento a excrementos. O meu corpo estava cravado de bagas deenhadas pelas picadas dos insetos que abundavam no interior da cela.

Após de entredia havia sido a janela que apresentava os vidros partidos. A luz do dia apercebi-me dum quantum de detalhes desprimantes.

O chão tinha um pavimento que este noivo foi uma proteção desventrada. As paredes caídas de branco somavam buracos, escrituras ordinárias, desenhos e pinturas obscenas, um portal de cal e parede donde brotavam tubos esculpados que adivinham grandes profissões, passando por jornadas do furo.

(2) (1) a)  
A rotina diária possibilitava o acesso a um pátio externo por um curto período de cinquenta minutos para exercitar os necessários alongamentos corporais e compensar um pouco o torpor físico.

Este pesadelo durou seis dias consecutivos, emenado 23 (vinte e três) horas por dia num caixão de cimento, desconhecendo por que estava ali, os motivos de tal castigo e o destino que me estava reservado.

Desconhecia a intensão e motivos de tão humilhante tratamento. Como se não bastasse o contexto mórbido de minha detenção e a desumanidade a que um ser humano fora sujeito no limite, diariamente vi-me obrigado a conviver com a múltipla e variada fauna emergente num cubículo que tinha razos apelativos para o seu aparecimento. Entre mosquitos, melgas, pulgas, aranhas, baratas, moscas e até patzanas de grande porte, que através da canalização do esgoto ascenderam até aos buracos de latrina, temi pela minha segurança e recei pela ameaça de minha saúde face aos perigos evidentes a que estava exposto.

Perdi a noção de tempo. Horas, os segundos, os minutos, as horas, sucediam-se sem que me conseguisse aperceber de sua passagem. Era como se estivesse suspenso no tempo, perdido num limbo oculto, flutuando no esquecimento.

Chorar em público é como pedir que made de mãe nos aconteça. É uma sorte. É o contrário de luto. Foi o que senti ao sexto dia. Senti um peso descarregar-se dos ombros, uma opressão a desfazer-se no peito e gaguei, inebriado e exaltado, o delicioso trago daquele sublime momento do anúncio de saída do caixão. Acabara de despertar de um pesadelo com graves sequelas sobre a minha consciência e comportamento dominados pela resignação, humilhação, vergonha, impotência e falta de sentido de justiça. Até quando?

Pergunto ao meu país e suas instituições reguladoras: por que são tão pouco dados a retribuir o amor, fidelidade e comportamento inapreciável de quem vos ama? Por que são tão ingratos e sem compaixão perante pessoas, cidadãos de bem, com uma história de vida, estirpada e provas dadas do bem mais do vinte e cinco anos, com o que fez virtuosa? Se calhar é impossível fugir!